

Circuitos da “latinidade” em São Paulo em dois tempos: logicas de produção/ consumo, alteridade e culturas urbanas¹

Sabrina B. Santiago²

Simone Luci Pereira³

Universidade Paulista - UNIP, São Paulo, SP

Resumo

Esse trabalho apresenta os desdobramentos da pesquisa desenvolvida para a dissertação de mestrado defendida em 2016, (Santiago, 2016), que estudou o consumo presente no circuito “latino” existente na cidade de São Paulo, entre os brasileiros, estimulado pela obra do imaginário sobre o outro (APPADURAI, 2004). Aqui observamos os circuitos criados por essa “latinidade” sua produção/consumo desde o início da pesquisa até o período atual. Para além de uma demonstração dos resultados, trazemos aqui uma revisita aos temas, aos locais e aos elementos do consumo desse circuito, para melhor compreender quais as territorialidades, público, sentidos políticos, e dinâmicas de produção/consumo que nele se apresentam, buscando compreender suas confluências e disjunções e descobrir quais permanecem, quais foram ressignificadas ou simplesmente deixaram de existir.

Palavras-chave: Latinidade; intercultural, auteridade; circuito; territorialidade

Introdução

Quando observamos as conexões entre culturas distintas em situação de interculturalidade (Garcia Canclini, 2007), percebemos haver um conjunto de aspectos que revelam as dinâmicas da interação/relações entre as práticas dos sujeitos e as representações culturais apresentadas através das mídias e as lógicas de consumo que se estabelecem a partir delas em um cenário como o visto na cidade de São Paulo.

A globalização, os movimentos migratórios, as particularidades e a rapidez das informações transmitidas pelas mídias são elementos cruciais para compreendermos essa conexão e as oportunidades de interação entre as diferentes culturas que viabiliza o consumo cultural do outro (Appadurai, 2004).

Este trabalho apresenta elementos do estudo conduzido para a dissertação de

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Graduada em Design Gráfico pela Universidade Paulista – UNIP. Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, Pesquisadora do GP (CNPq) URBESOM. e-mail: sabrandãodesign@gmail.com

³ Simone Luci Pereira - Professora/pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP. Bolsista PQ do CNPq. Doutorado em Ciências Sociais – Antropologia e Pós-Doutorado em Comunicação. Líder do GP (CNPq) URBESOM. simoneelp@uol.com.br

mestrado defendida em 2016 (Santiago, 2016) que explorou um cenário cultural existente na cidade de São Paulo, que viabilizava, entre os brasileiros, certo consumo da “latinidade”⁴ por meio de um circuito (Herschmann, 2013) específico.

Aqui apresentamos uma revisita aos temas, aos locais e aos elementos do consumo dessa “latinidade” na capital paulista e suas confluências e disjunções em relação aos dias atuais, visando compreender quais territorialidades, públicos, sentidos políticos, dinâmicas de produção/consumo permaneceram, se refizeram ou desapareceram neste circuito latino na cidade.

Algumas renovadas questões tratadas dizem respeito aos processos culturais e as lógicas de consumo ligados ao circuito “latino” (Pereira, 2015; Pereira, 2021), assim como as diversas maneiras de elaborar as dinâmicas de produção e o consumo da alteridade (Featherstone, 1985) para assim compreender melhor os aspectos, e desvendar os fatores importantes sobre as relações interculturais (Garcia Canclini, 2007), nesse cenário cosmopolita da capital paulista onde as práticas culturais “latinas” não detêm hegemonia e não pertencem ao *mainstream*.

Para atingir esse objetivo, nossa principal preocupação é compreender primeiramente os contextos e dimensões estruturais que estão presentes na região oeste da cidade (onde o primeiro estudo foi conduzido em 2015-2016) e posteriormente na região central e no Bixiga (que estamos analisando na atualidade), assim como as ações que ocorrem nessas territorialidades e as dinâmicas de produção/consumo nelas construídas para perceber continuidades e disjunturas. Observamos as redes de interação nas mídias digitais, sua importância e seu papel, na identificação do público e suas relações de consumo, o que nos auxilia na jornada que analisa a divulgação e a interação presente no circuito, assim como seu alcance, suas características e sua relevância para o público tanto de migrantes quanto de brasileiros em ambos os períodos e locais observados.

A pesquisa é justificada por sua significativa contribuição aos estudos das dinâmicas culturais urbanas e musicais na cidade, assim como às formas de comunicação urbana envolvidas. Além disso, oferece caminhos para refletir sobre as práticas de consumo cultural/material relacionadas à alteridade. Entender os motivos desse consumo

⁴ O termo “latino” e suas variações (“latina”, “latinidade”, etc.) serão sempre utilizados entre aspas, para denominar tudo o que se refere à cultura e aos povos pertencentes aos países da América Latino-hispânica e Caribe, por se tratar de uma categoria construída e não pré-existente, visto que no Brasil essa é uma colocação usual, inclusive aos próprios migrantes desses países (Pereira, 2015).

pode revelar importantes particularidades a respeito do comportamento sociocultural de parte de seu público, bem como dos seus produtores, migrantes ou não.

A condução dessas relações presentes nesse circuito, os usos e apropriações, as negociações que ocorrem no contato dessas culturas e as mediações (Martin-Barbero, 1997) que tornam tal circuito possível, são condições que nos ajudam a responder às questões apresentadas nessa comunicação e perceber de forma crítica as dinâmicas de produção/consumo de práticas culturais não-hegemônicas, explorando essas lógicas entre os brasileiros e migrantes que frequentam esses circuitos na cidade de São Paulo e as mudanças e continuidades com o passar do tempo.

Esses usos e apropriações das culturas “latinas” na cidade, por parte dos brasileiros, assim como suas relações de troca, de reconhecimento e estranhamento entre “latinidade” e “brasilidade” são influenciados por certa interculturalidade (Garcia-Canclini, 2007) que trata dos conflitos e negociações (Pereira, 2012), existentes nas conexões entre diferentes culturas.

Embora as culturas chamadas “latinas” sejam muitas, aqui percebemos que todas as suas representações, práticas, costumes e imaginários são postos sob um grande guarda-chuva da “latinidade” (Pereira; Santiago, 2014; Pereira, 2015) reduzindo essas diversas manifestações culturais a categoria de cultura “latina”, que revela uma ideia de identidade imaginada desse Outro “latino”.

Este trabalho está dividido em 2 partes: a primeira trata da pesquisa concluída em 2016 que investigou o percurso existente na região oeste da cidade de São Paulo, mais especificamente, a Vila Madalena e seus arredores, visando compreender quem eram os brasileiros envolvidos no circuito, assim como sua participação no mesmo; e a segunda, que analisa os trajetos desdobrados, interrompidos, refeitos ou seguidos por esse percurso e seu público, sua presença física e digital após 2016, passando pelo contexto político brasileiro conservador e a pandemia — com todas as suas consequências — até o momento.

O consumo da alteridade se evidencia em metrópoles que são consideradas cidades globais (Sassen, 1991) — como São Paulo — que conquistou essa posição no decorrer de sua história, adquirindo notoriedade como centro econômico, comercial e cultural no Brasil e no mundo. Embora esse contato estabeleça processos de troca, não devemos considerar que se trata apenas de homogeneização das culturas, mas sim de uma reelaboração das igualdades e diferenças nas relações culturais (Garcia Canclini, 1996),

permitindo o acesso à cultura do Outro (Pereira, 2012), tecendo imaginários que contribuem para o consumo da alteridade e para a formação de novas perspectivas identitárias e suas narrativas.

A metodologia está baseada na pesquisa de campo de base etnográfica (Magnani, 2002; Pereira et al., 2023a) do circuito “latino”, para analisar e compreender as dinâmicas de trocas e o consumo; em entrevistas presenciais e digitais; e em análise da presença digital do circuito da “latinidade”, para verificar suas representações e as interações. Com presença em shows, festas, eventos, bares, e feiras, que foram realizados no eixo oeste (Vila Madalena, Lapa, Pinheiros, etc.) e atualmente mais presentes na região central da cidade, (centro velho e Bixiga).

Latinidades em São Paulo: circuitos da Vila Madalena e região (2014-2016)

A pesquisa conduzida entre 2014 e 2016 nos mostrou circuitos (Herschmann, 2013) da “latinidade” presente em algumas regiões de São Paulo. Há uma importância significativa nas localidades para a compreensão das práticas de consumo da latinidade. Naquele momento havia 3 territórios da cidade onde percebemos circuitos latinos (zona sul, zona oeste e área central⁵) e que estavam ligados à presença de migrantes, ao consumo de culturas “latinas” entre os brasileiros e à mobilização estruturada pelos atores desse circuito.

A territorialidade da zona oeste — englobando a Vila Madalena e arredores - foi o escolhido para a realização do estudo naquele momento. Ali, diversos aspectos culturais como música, dança, artesanato, gastronomia se apresentavam na cidade em festivais, festas, bares, feiras, exposições, etc., onde ocorrem as possibilidades de interação com os aspectos culturais dos países da América Latino hispânica e Caribe.

Destacamos a importância do público brasileiros para o circuito “latino”, pois esse são atores sociais com ampla participação não atuando como receptores passivos, nas quais as dinâmicas dessa interação, permeadas por um nível de formalismo (Herschmann, 2010), têm uma importância na constituição do circuito. Este público demonstrava possuir maior consistência, organização e planejamento, não se limitando apenas ao gosto

5 Os circuitos estudados estavam divididos em 3 principais eixos que correspondem a regiões da Cidade de São Paulo. Assim temos o eixo sul, que está localizado na zona sul da capital paulista, em que se destacam bairros como Vila Olímpia, Itaim Bibi e Moema; o eixo central, que corresponde aos bairros pertencentes a região central da cidade de São Paulo, como Bixiga e seus arredores; e o eixo oeste localizado na zona oeste de São Paulo que tem como principais bairros para esse estudo Barra Funda, Lapa, Pinheiros e Vila Madalena.

musical, à localização ou as apresentações de determinados grupos, mas também aos modos de produção, organização e distribuição apresentados. (Herschmann, 2013).

Pudemos cartografar diversos locais com alternativas de consumo da “latinidade” desde os temáticos como o Casa da Cardeal até os espaços que traziam em suas agendas, em dias específicos da semana ou de maneira esporádica, algumas noites “latinas” como era o caso do Centro Cultural Rio verde, do Puxadinho da Praça, do Serralheria, entre outros.

Ainda que este circuito não pudesse — e nem possa ainda hoje — ser considerado mainstream ou hegemônico na cidade, tampouco se observava ali manifestações de pura resistência ou contra hegemônicos, em seus sentidos tradicionais (Santiago, 2016). Havia sentidos de negociação com diversas lógicas, em que construções de identidades performativas (Yudice, 2002; Hall, 2000) se faziam presentes, abrangendo a. representações mais exotizantes da latinidade, b. sentidos de distinção que envolviam gostos e consumos mais ou menos legitimados (Bourdieu, 1988), c. como também apresentando lógicas de subjetivação e construção de autoidentidades por parte dos migrantes (Pereira, 2021) em forma de brechas.

Os locais e eventos estudados eram frequentados por um público composto por migrantes e brasileiros que costumam ser atraídos pela música e pela dança. Esse público brasileiro demonstrava interesse pela cultura “latina”, embora, aparentemente, tivessem pouco conhecimento sobre ela. Talvez a participação deles nesses eventos ocorresse como uma forma de explorar e vivenciar os costumes apresentados, ou ainda, como uma maneira de encontrar uma programação alternativa, diferente da noite mais mainstream de São Paulo.

As representações culturais dessa “latinidade” e os imaginários presentes e consumidos pelo público estudado, se organizavam em uma complexa relação de trocas estabelecidas entre esses e suas lógicas de consumo, fazendo parte de um esquema social que define mapas culturais e constrói relações sociais (Douglas; Isherwood, 2013; Garcia Canclini, 1996).

No eixo da zona oeste analisado, havia a presença de difusoras culturais e projetos específicos realizados por imigrantes cubanos majoritariamente: como a difusora cultural Havana 6463, que promovia a festa Cuba Vem Até Você, uma imersão na cultura cubana, realizada no Espaço Cultural Serralheria, situado no bairro da Lapa. Além disso, a difusora realizava viagens culturais à Cuba, intercâmbios, exposições e a divulgação de

diversos artistas do circuito, como a banda Batanga e Cia, e o projeto Vila Latina, que acontecia no Centro Cultural Rio Verde, na Vila Madalena. Segundo seus organizadores, o Vila Latina visava propagar a interação entre as diversas culturas latinas. Destaca-se também a casa Conexión Caribe — do cubano Esteban Hernandez — que iniciou suas atividades em 1998 e situa-se na Vila Madalena, trazendo na programação um misto das musicalidades caribenhas.

É visível que na zona oeste a presença cubana se destaca entre as outras culturas “latinas”. Mesmo que muitas as culturas pudessem ser vistas em diferentes eventos, havia a ideia assumida inclusive pelos próprios migrantes de uma “latinidade” única, como forma de divulgação, mas que entre eles se dividia, pois cada um desempenha seu papel nessa representação, mesmo que nem sempre isso fosse especificamente exposto para o público brasileiro, que por vezes criavam uma classificação generalizada. Não que esses brasileiros não tivessem nenhum repertório para diferenciar nacionalidades ou diversidades, mas em sua maioria não havia um interesse genuíno em estabelecer essa diferença.

Embora com uma presença bem dividida entre “latinos” e brasileiros nos eventos, sempre foi nítida a intenção nas relações de consumo; se de um lado os migrantes tivessem nesses eventos a possibilidade de memória, pertencimento e de celebração de suas culturas, por outro, os brasileiros tinham a possibilidade de criar seu próprio imaginário sobre o Outro “latino”, que era influenciado pelas lógicas de consumo e por um imaginário “latino” já perpetuado nas mídias, através das simbologias e representações em suas visualidades.

O consumo proporcionado por essa relação entre a América hispânica e os brasileiros está ligado a um status do ser alternativo, conferindo certa distinção (Bourdieu, 1988) no campo cultural àqueles que consomem. Também observamos a hipótese de um consumo dessas culturas como uma mera exploração de uma representação cultural exótica, porém, em sua maioria, os brasileiros criaram vínculos sociais, culturais e afetivos com essas práticas e se identificam com esse ser “latino” de algum modo. Isso não exclui certo exotismo, na prática de consumo, visto que práticas não hegemônicas inferem status alternativo, fora do modismo de sua época.

O circuito presente na zona oeste da cidade, especialmente na Vila Madalena, que se destaca por sua importância como espaço cosmopolita, boêmio, alternativo e reduto da esquerda progressista desde os anos 1960, se torna notável para um público que visa

manter esse status de “alternativo” (Pereira; Pontes, 2017), devido a sua participação no circuito da “latinidade”. Esses fazem parte, em sua maioria, daqueles que, como observaram Pereira e Borelli (2015) se preocupam com questões mais sociais e políticas. Essa preocupação política relacionada as pautas ideológicas de esquerda, a despeito do gosto e da distinção, evidenciem uma concepção de diferenciação, por vezes elitizada, principalmente pela localização do circuito no mapa da cidade, porém engajados em pautas mais empáticas que visam igualdade social (Santiago, 2016).

Uma latinidade no Bixiga? Características de circuito emergente

A maioria dos eventos e espaços estudados até 2016 estão atualmente fechados ou foram ressignificados, se transformando em espaços mais dinâmicos como salões para eventos diversos, ou trazendo programações diferentes das que eram produzidas naquela época.

A própria região da Vila Madalena tem se transformado muito, onde os espaços de música e eventos mais alternativos estão deixando de existir, predominando bares mais convencionais e um intenso processo de gentrificação da região.

Podemos então notar uma nova cena emergindo no eixo central da cidade (centro velho e Bixiga). Nessa primeira análise, ainda exploratória e inicial, percebemos em primeiro lugar um aumento da presença migratória nos últimos 5 anos bastante significativa e diversificada na cidade como um todo (Pereira et al., 2023b), especialmente vinda da América do Sul. No que diz respeito a este circuito latino emergente, ressalta-se uma ampla participação de brasileiros, evidenciando a dinamicidade das lógicas de produção e consumo analisadas.

Alguns dos locais do Bixiga que vem sendo mapeados e parcialmente analisados (até o momento) estão: o Velho Pietro, o espaço Sol y Sombra 1 e 2, o La Chimba Club, bem como outros espaços que abrigam programação ou noites dedicadas à música “latina”, tais como o Al Jannah e o Centro Cultural Afrika.

Podemos destacar — ainda de maneira preliminar — três principais características renovadas deste circuito “latino” atual no Bixiga, em comparação com o contexto do circuito “latino” que havia na zona oeste de São Paulo entre os anos de 2014 e 2016. Percebemos características emergentes (Williams, 1979) que nos chamam a atenção, mas que se mesclam e negociam com aspectos dominantes e residuais das cenas migrantes e latinas da cidade.

A primeira observação é a diferença na própria territorialidade. O circuito, antes presente em uma área mais valorizada da cidade, a zona oeste, hoje ganha destaque nas regiões centrais da cidade, com forte presença no Bixiga. Os apontamentos realizados por Simone L. Pereira (Pereira, 2018; Pereira, 2017; Pereira et al., 2023a), mostram os trajetos urbanos e suas dinâmicas de produção/consumo do alternativo relacionados aos muitos aspectos, sentidos políticos, em suas mais diversas perspectivas, que têm reivindicado cada vez mais as regiões centrais da cidade, em contrapartida, às lógicas do capital hegemônico que rumam majoritariamente ao quadrante sudoeste da cidade (Frúgoli, 2000).

Essa reivindicação nos mostra que o consumo confronta as lógicas de gentrificação que estão acontecendo no quadrante sudoeste da cidade de São Paulo e que influenciaram fortemente a mudança territorial do circuito para o eixo central, dando a ele as características mais comuns da região, como já se esboçava na pesquisa anterior.

Temos uma forte presença de casas com temáticas e eventos “latinos” observados no Bixiga, que se misturam a outros tantos dos mais diversos temas e ritmos presentes em um circuito que tem como ponto em comum as características de (re)existência e ativismo. Podemos perceber que o público não é apenas aquele mais elitizado das camadas médias, universitários e intelectuais, que frequentavam os eventos e espaços da zona oeste; agora, o público é majoritariamente composto de pessoas de áreas variadas da cidade, com forte presença de negros e grupos LGBTQIA= ou mesmo migrantes, no caso do Velho Pietro. A interação com as músicas e elementos da identidade “latina” mostram-se agora de maneira mais dinâmica, não apenas buscando status alternativo, mas participando de alguma maneira dos sentidos de ativismo, o qual é tão presente na região.

O que nos leva à segunda diferença que podemos pontuar neste circuito emergente: uma maior característica ativista. Na pesquisa anterior não víamos de maneira clara ações de ativismo, por parte dos “latinos” ou brasileiros. Atualmente percebemos que as pautas sociais progressistas e da esquerda, antes apenas tema comum ao público, hoje se mostra como parte integral do circuito que corrobora para as características de resistência que integram a luta dos diversos países da América Latina, incluindo o Brasil e que é bem representado nesse circuito.

Podemos entender que o contexto político visto no Brasil e no mundo nos últimos anos tem grande influência nesse circuito. Desde o golpe parlamentar de 2016 que levou ao *impeachment* da presidente Dilma Roussef até o final do (des)governo de Jair

Bolsonaro (2019-2022) é perceptível uma maior tomada de posições e ativismos de resistência nas expressões culturais no país. As características que unem migrantes e o público brasileiro, com a presença da interculturalidade (Garcia Canclini, 2007) se manifestam em articulação com lógicas de um ethos “ativista” (Fernandes et al., 2022), bastante significativo e presente em muitas das cenas do circuito, desde os mais alternativos até àqueles que estão ligados ao mainstream.

É possível perceber a presença de coletivos, diversas atividades políticas mescladas às atividades culturais, assim como um forte presente de migrantes, e ampla participação de brasileiros, dessa vez, não como meros consumidores, mas como parte integrante do circuito, o qual revela forte sentido de valorização e visibilidade das dissidências étnico-raciais de gênero, bem como grupos subalternizados como migrantes, refugiados, e grupos periféricos da cidade, em suas interseccionalidades.

Essa presença “ativista” (Fernandes et al., 2022; Rocha, 2021) na região central e no Bixiga, que se mostra não apenas entre os espaços “latinos”, mas em todas as suas possibilidades do samba ao rock, nos faz perceber que as pautas sociais, de igualdade e inclusão, são presentes no Bixiga e adjacências de forma intensificada, unindo e borrando os limites entre expressões artísticas, sentidos políticos e ativistas que se apresentam tanto nos espaços urbanos quanto nos espaços digitais utilizados nesse circuito.

Em terceiro lugar, temos as mudanças que ocorreram no uso das plataformas digitais nesse circuito emergente atual. As redes sociais digitais sempre se mostraram sua importância para a integração/conexão entre os atores dos circuitos estudados. Até 2016 víamos grupos do Facebook que articulavam encontros de dança ou acesso a espaços privados que celebravam a “latinidade”. Por exemplo, era comum que esses grupos pautassem tanto as dinâmicas de interação presencial, quanto as apresentações das visualidades que colaboravam para a formação do imaginário da “latinidade”.

A forte presença no Facebook foi substituída atualmente pelo uso intensivo do Instagram, que se tornou a rede social digital mais utilizada por estes grupos e sujeitos. Nessa plataforma percebemos a imprescindível importância do uso do digital para ter acesso, por exemplo, a calendário de eventos, reservas online, compra de ingressos e interação direta com o circuito. O Instagram ainda segue a lógica de algumas das visualidades antes presentes (cores, fortes, coqueiros, tambores e maracas e demais elementos “tropicais”), porém hoje com uma forte simbologia política (invocando movimentos sociais trans-latinos) e de representatividade de grupos minoritários (negros,

indígenas, etc.), com maior investimento — por grande parte dos coletivos e locais — na produção de conteúdo (flyers, posts, comentários, etc.) para este meio.

Colaborada pela sociabilidade adaptada dos tempos de isolamento, as redes sociais interagem de forma mais evidente com a presença física nos locais de celebração da “latinidade”, com uma implicação de um certo “espírito do tempo” ativista (Fernandes et al., 2022) que está na relação da participação virtual desses espaços presenciais, com fotos, check-ins, lives e amplas interações tanto dos espaços como de seus consumidores evidenciando como as lógicas de produção/consumo se refazem de maneira dinâmica.

Assim podemos inicialmente perceber, que embora ainda haja uma ideia de uma identidade “latina” única, posta sob o guarda-chuva da “latinidade” (Pereira; Santiago, 2014; Pereira, 2015), existe, entre o público brasileiro, um sentimento maior de pertencimento, muitos por conta das pautas comuns aos atores sociais do circuito.

Considerações Finais

O caminho percorrido durante a pesquisa, que se encerrou em 2016, nos traz a percepção sobre a participação e consumo cultural de brasileiros no circuito cultural “latino”, nos mostrando que as características da interculturalidade (Garcia-Canclini, 2007) são bastante evidentes em grandes metrópoles. Nossas observações presenciais e digitais, nos mostram que o imaginário sobre o outro (Appadurai, 2004), é ponto determinante para o consumo observado, e cria, nas lógicas de produção/consumo, seus próprios modos de existência, resistência e formação de identidades e narrativas, que entre estranhamentos e pertencimentos se estabeleceu a partir dessa relação e não se mostra engessada, mas sim, dinâmica e mutável (Santiago, 2016).

Não supomos, evidentemente, uma total novidade neste circuito “latino” ora estudado. Há elementos emergentes, como apontamos, que negociam com elementos mais residuais e dominantes nas práticas e representações de outridade, como a “latina” constituída em São Paulo. Entretanto, aponta-se cada vez mais os sentidos políticos do que Lelia Gonzalez (2020) chamou, ainda nos anos 1980, de “amefricanidade”, ou seja, de características que se compõem, em solo latino-americano, de presenças afrodiáspóricas em articulação com sentidos de brasilidade e latinidade, para as quais, os atores deste circuito “latino” do Bixiga parecem colaborar.

REFERÊNCIAS

- APPADURAI, Arjun. **Dimensões culturais da globalização**. Lisboa: Teorema, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **La distinción. Criterios y bases sociales del gusto**. Madrid: Taurus, 1988.
- DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens: Para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.
- FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- FERNANDES, Cintia et al (orgs.). **Artivismos urbanos: (sobre)vivendo em tempos de urgências**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2022.
- FRÚGOLI Jr., Heitor. **Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole**. São Paulo: Cortez; Edusp, 2000.
- GARCIA-CANCLINI, Nestor. **Consumidores e Cidadãos: Conflitos Multiculturais da Globalização**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ. 1996.
- GARCIA-CANCLINI, Nestor. **Diferentes, desiguais, desconectados: mapas da interculturalidade**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ. 2007.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. (Org. Flávia Rios e Márcia Lima). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HALL, Stuart. Quem Precisa da Identidade? In: SILVA, T.T. (org) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HERSCHMANN, Michael. **Indústria da música em Transição**. São Paulo: Ed. Estação das Letras e das Cores, 2010.
- HERSCHMANN, Michael. Cenas, Circuitos e Territorialidades Sônico-Musicais. In: JANOTTI Jr., Jeder; SÁ, Simone Pereira de. (Orgs.). **Cenas Musicais**. Guararema: Anadarco. 2013. p. 41-56.
- MAGNANI, José Guilherme. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 17, n. 49, 2002.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- PEREIRA, Simone Luci. Sobre a possibilidade de escutar o outro: voz, world music e interculturalidade. **E-COMPOS - Dossiê Som, música e comunicação**. Brasília. n. 15, p. 1-15. 2012.
- PEREIRA, Simone Luci. Consumo e escuta musical, identidades, alteridades. Reflexões em torno do circuito musical “latino” em São Paulo/ Brasil. **Chasqui - Revista Latinoamericana de Comunicación**, n.128, p. 237-251, 2015.
- PEREIRA, Simone Luci. Circuito de festas de música “alternativa” na área central de São Paulo: cidade, corporalidades, juventude. **FAMECOS – mídia, cultura, tecnologia**. (PUC/RS). v.24, n.2, p. 1-18, 2017.

PEREIRA, Simone Luci. Alternativos, autorais, resistentes: coletivos musicais, festas e espaços de música em São Paulo. In: Fernandes, Cintia; Herschmann, Micael (orgs). **Cidades musicais: comunicação, territorialidade, política**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2018.

PEREIRA, Simone Luci. Que latino? Juventudes, música e dinâmicas históricas Brasil/ América Latina Hispânica. In: BORELLI, Silvia; VALENZUELA ARCE, Jose Manuel (eds). **Jovens latino-americanos: necropolíticas, culturas políticas e urbanidades**. Buenos Aires: CLACSO, 2021. p. 291-319.

PEREIRA, Simone Luci; PONTES, Vitor; BEZERRA, Priscila; RODRIGUES, Juliana. Apropriações da cidade em práticas musicais juvenis em São Paulo: experiências de uma pesquisa coletiva. In: ALVARADO, Sarah; JARAMILLO, Oscar (Comp.). **Violencias, contra-hegemonías y re(ex)istencias en clave de niñeces y juventudes latinoamericanas** Manizales/Colômbia: CINDE/CLACSO, 2023a. p. 223-276.

PEREIRA, Simone Luci; BRAS, João Marcelo; PAIVA, Maria Claudia; QUEIROZ, André. ‘Um Sarau para chamar de nuestro’: juventudes migrantes, artivismos e formas de re-existência em São Paulo”. **Intexto**, Porto Alegre. n. 55, v.1, p. 1-26, 2023b.

PEREIRA, Simone Luci; PONTES, Vitor. Culturas juvenis, identidades e estilo de vida: sentidos do “alternativo” no Baixo Augusta/São Paulo. **Comunicação Mídia Consumo**. v.14. n.40, p.110-128, 2017.

PEREIRA, Simone Luci; BORELLI, Silvia Helena Simões. Música -alternativa- na Vila Madalena: práticas musicais juvenis na cidade. **Revista Fronteiras (Online)**, v. 17, n. 3, p. 281-289, 2015.

PEREIRA, Simone Luci, SANTIAGO, Sabrina Brandão. Circuitos, cenas, cosmopolitismos: Cartografias da latinidade em São Paulo. **Anais Comunicon 2014**. SP: Comunicon, 2014.

SANTIAGO, Sabrina B. **Consumo cultural entre fluxos locais e globais: a cultura “latina” na cidade de São Paulo – 2014-2016**. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Midiática da Universidade Paulista– UNIP, São Paulo, 2016.

SASSEN, Saskia. **The Global City: New York, London, Tokyo**. Princeton University Press. 1991.

YUDICE, George. **El recurso de la cultura: usos de la cultura em la era global**. Barcelona: Gedisa, 2002.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1979